

“POR QUE NÃO FEYERABEND?”

Alberto CUPANI

Deptº de Filosofia - Univ. Fed. Stª Catarina
Pesquisador do CNPq

“Por que não Platão?”, pergunta-se Feyerabend num diálogo fictício em que é questionado por haver escolhido o *Teetetos* como tema para uma aula de Teoria da Ciência. O imaginário interlocutor, desconcertado pelo fato de que a aula não haja consistido num debate de questões epistemológicas no estilo de um Putnam ou de um Hempel, é estimulado por Feyerabend a reconhecer que o antigo, metafísico e artístico Platão é mais útil para compreender a ciência real que a tradicional pretensão de reconstruir a “lógica da pesquisa” (1985, p. 167 ss).

Não tenho dúvidas de que muitos devem negar aos escritos de Feyerabend (a partir de *Against Method*) o caráter de obras “sérias”, rejeitando a possibilidade de entender corretamente, em função desses escritos, as questões tratadas pelo autor. Muitos devem acompanhar Mario Bunge na sua apreciação de que Feyerabend, inicialmente um pensador “promissor”, ter-se-ia convertido num “palhaço”, exibicionista e charlatão (1987., p. 118). Por outra parte, não pretendo comparar Feyerabend a Platão, nem um crítico como Bunge ao simplório interlocutor inventado por Feyerabend. O que me interessa é sugerir que a leitura deste autor pode ser encarada pelo menos de duas maneiras.

É possível, certamente, ler os trabalhos de Feyerabend como obras de Epistemologia e Filosofia da Ciência digamos convencionais. Neste caso, o leitor estará (como não poderia ser de outro modo) particularmente atento ao rigor da argumentação, pouco interessado nos recursos heterodoxos de Feyerabend (como a ficção de diálogos ou a menção de episódios de sua vida pessoal) e incomodado pelas suas observações sarcásticas e suas réplicas irreverentes. Este leitor não ficará sempre convencido da consistência do discurso de Feyerabend, questionará seus exemplos e comparações, detectará freqüentes exageros nas conclusões, e caso se sentir persuadido por alguma delas, suspeitará haver sido vítima de uma manobra sofisticada.

É possível todavia ler Feyerabend de outra maneira, esta vez aceitando - digamos que heurísticamente - a sua tese de que uma teoria ou

posição intelectual só pode ser devidamente apreciada (especialmente, no que diz respeito às suas limitações) a partir de outra teoria oposta, incompatível com a primeira, e que parece, conforme o caso, insuficientemente fundamentada, fantástica, absurda, insolente ou impraticável. Nesta segunda atitude de leitura interessará menos o rigor, a verossimilidade e até a honestidade do discurso, que aquilo que a obra permite "ver" devido, não à sua mera contraposição acadêmica, senão ao seu literal ataque à outra teoria. Neste caso, o exercício intelectual (tal vez nem só intelectual) a que nos expomos equivale a perguntar-se "por que não" a posição polêmica. As seguintes reflexões (algumas das muitas possíveis) derivam de perguntar-se, com esse espírito, "por que não Feyerabend".

*

I. A tese de Feyerabend de que todas as práticas ou tradições têm iguais direitos, sendo arbitrário fazer do Racionalismo a medida delas, é responsável, junto com a agressiva afirmação de que "tudo vale" na pesquisa científica, pela fama de relativista e de irracionalista do nosso autor. Não obstante, se não nos deixamos impressionar pelas conotações habituais daqueles termos, temos que reconhecer com Feyerabend que considerar relativistas suas idéias pressupõe aceitar a tese da superioridade da atitude racionalista e julgar a partir dela as restantes tradições, tese essa que as idéias de Feyerabend, precisamente, questionam. Refutando interpretações de críticos, Feyerabend esclarece que não defende o relativismo entendido como a convicção de que "todas as tradições, teorias e idéias são igualmente verdadeiras ou igualmente falsas", senão o relativismo que

"Consiste em dar-se conta de que nosso ponto de vista mais querido pode converter-se em uma mais das múltiplas formas de organizar a vida, importante para os que estão educados na tradição correspondente, porém completamente desprovida de interesse, e talvez um obstáculo, para os demais" (1978), p. 92).

Feyerabend sublinha a importância de um tal relativismo como estímulo à tolerância, e denuncia a primeira concepção como produto do Racionalismo. Este projetaria condenatoriamente sobre as demais tradições a distinção verdade-falsidade, distinção esta característica do Racionalismo, cuja pretensa superioridade resultaria de ignorar ou omitir sua própria dependência de uma dada tradição.

Em virtude das anteriores explicações, o "irracionalismo" de Feyerabend parece não ser tal. Seus escritos não negam o valor da razão ou da racionalidade, senão o da razão literalmente "abstrata" (do mesmo modo que o "tudo vale" não nega que *também* seja válida ocasionalmente a metodologia convencional).

A oposição de Feyerabend ao Racionalismo abstrato insere suas idéias na atual discussão da natureza da racionalidade, na busca de uma concepção da racionalidade mais sensível às variedades da experiência humana e às diversas intenções do agir humano (como na obra de Jürgen Habermas). Feyerabend não está sozinho no seu questionamento da identificação da racionalidade com a racionalidade científica, esta última identifi-

cada por sua vez com o proceder (idealizado) das ciências naturais, conforme testemunhado pela crescente literatura sobre o assunto. E é possível que as invectivas do nosso autor ao falar da "teologia do racionalismo" e do "poder sutil e perverso da verdade", bem como sua complacência em dizer "adeus à razão" (cientificista), resultem mais eficazes para chamar a atenção sobre a necessidade de reformular a noção de racionalidade que as comedidas argumentações acadêmicas (que, afinal de contas, sempre de algum modo *supõem* o que questionam).

Especialmente importante parece-me hoje em dia, não apenas alcançar uma noção mais ampla de racionalidade, senão chegar a *exercer* uma racionalidade que saiba prestar atenção às reivindicações da vida, ao invés de impor-se a ela. A procura de "sentido" que caracteriza a filosofia hermenêutica (e a Hermenêutica contemporânea, de um modo geral) vai nessa direção. Acho por tal motivo relevante a defesa por Feyerabend do que poderíamos denominar "racionalidade situada" dos fenômenos humanos, e com relação à qual considera mais apropriados o cinema ou o teatro que a análise filosófica, como meio de compreensão dos argumentos alheios (1985, p. 17). Nesse sentido, e ainda que não se compartilhe a convicção de Feyerabend de que a filosofia acadêmica prejudica o pensamento ao passo que o cinema o estimula, vale a pena refletir acerca de que as possibilidades do cinema como promotor do espírito crítico, particularmente em escala social, são bem maiores que as da filosofia profissional, freqüentemente exaltada como o instrumento por excelência para aquela finalidade.

Por outra parte, a tese de Feyerabend sobre a necessidade de dispor de uma alternativa incompatível para apreciar devidamente uma teoria ou tradição, tem como contrapartida (reconhecida pelo autor) a dificuldade de "pôr-se" na situação dos que professam uma doutrina ou vivenciam uma cosmovisão inteiramente diferente. Com relação a essa dificuldade tem importância a observação de Feyerabend de que é impossível reproduzir a relação homem-natureza correspondente às vivências de tradições vencidas pelo Racionalismo, a fim de testar adequadamente afirmações que parecem impossíveis ou absurdas (como a da existência dos deuses antigos, as vivências dos místicos, a produção de chuva mediante danças indígenas, etc.) (1979, p. 120). O ceticismo com que deve ter sido acolhida esta observação pela maioria dos leitores de Feyerabend reforça sua tese de que só sabemos levar em consideração propostas teóricas que se submetam aos critérios racionalistas. Seja qual for o resultado de uma tal reflexão, creio salutar que sejamos por ela conduzidos a vivenciar os limites de nossa maneira habitual de pensar, que inclui em nós, intelectuais, a convicção de sermos "abertos".

II. O "anarquismo epistemológico" de Feyerabend é sem dúvida o aspecto mais popularizado da sua produção intelectual. Como se sabe, conforme nosso "metodoclasta" (Bunge), a importância da Metodologia científica é um "conto de fadas" destinado a consagrar (ideologicamente) a objetividade da visão racionalista do mundo. As regras metodológicas e a ética profissional subjacente a elas não podem (nem jamais puderam no passado) promover o avanço da Ciência, tendo sido mais bem o oportunismo intelectual a causa do progresso científico.

A atitude de leitura aqui escolhida para comentar as idéias de Feyerabend me dispensa da necessidade de julgar a veracidade das suas afirmações sobre o proceder real dos cientistas e a evolução histórica da Ciência. Essa atitude, por outra parte, levanta paradoxalmente uma perturbadora dúvida sobre as críticas convencionais formuladas contra esta parte da produção de Feyerabend. Com efeito: a rigor, o julgamento da veracidade das afirmações sobre a ciência real cabe propriamente a cientistas, historiadores da Ciência e epistemólogos com suficiente formação científica e histórica. Esta condição torna, por exemplo, inquietantes as observações de um físico-filósofo como Bunge segundo as quais Feyerabend confunde o significado de princípios científicos (BUNGE, 1985, p. 103) ou as declarações de um historiador como Stillman Drake para quem a interpretação por Feyerabend do proceder científico de Galileu é "simplesmente ridícula".¹ Mas (eis a dúvida antes mencionada) quantos analistas do pensamento de Feyerabend (especialmente, os pertencentes ao campo da filosofia profissional) têm essa competência? E qual o valor das críticas "sérias", caso essa competência não exista?

Mais amplamente, as polêmicas teses anti-metodológicas de Feyerabend reclamam a necessidade de que a Metodologia e a Epistemologia se mantenham em maior contato com a prática científica, sempre mais complexa, diversificada e exposta a situações insólitas do que se supõe. Na falta desse contato, se corre o risco de prestar pouca atenção a observações sobre a Ciência que não correspondam à representação que dela se possui, por realista que esta representação possa parecer, e ainda que as observações em questão sejam menos ousadas que as de Feyerabend. Ao mesmo tempo, existe o risco de que as novas idéias, se acaso consideradas, sejam tratadas num nível abstrato, de maneira especulativa e estereotipada, aceitando-as ou rejeitando-as sem real noção do seu alcance. Essa exigência, aliás, não tem nada de extraordinário: limita-se a manifestar o princípio kantiano (reiterado por I. Lakatos) de que conceitos sem intuições são vazios.

III. O Racionalismo cientificista se vangloria de promover (e ser promovido por) uma sociedade democrática. Feyerabend denuncia uma tendência totalitária no Racionalismo e uma estrutura de poder embutida na educação liberal, apregoando a necessidade de uma "sociedade livre" que conceda "iguais direitos e iguais possibilidades de acesso à educação e a outras posições de poder a todas as tradições" (1978, p. 29).

As virulentas críticas de Feyerabend à sociedade atual têm como comum denominador o questionamento do significado social dos expertos. Embora descontando caricaturas e exageros, pouca dúvida resta de que os expertos (entre os quais, os cientistas) se beneficiam de uma excessiva reverência. Dada a facilidade com que os meios de comunicação de massas forjam o prestígio de expertos da mais variada índole, a exortação de Feyerabend a "utilizá-los", "sem jamais crer neles" e "certamente sem confiar neles por completo" (1978, p. 113) faz perfeitamente sentido. Ao nos entregarmos hipnoticamente ao experto, não só nos expomos aos riscos decorrentes de duvidosas competências profissionais, senão que também abdicamos de pensar por nós mesmos, convertendo-nos cada vez mais em seres men-

talmente centrífugos e dependentes. Note-se também que a anterior crítica vale igualmente para a maneira como são lidos e estudados os textos de Epistemologia e Filosofia da Ciência. A competência científica dos autores, mais ou menos afamados, raramente é averiguada e menos ainda, questionada.

Por outra parte, Feyerabend critica de diversas maneiras a forma de viver e de agir do experto. Selecciono aqui, dentre as imputações que faz ao tipo especial de expertos que somos os intelectuais, a de sermos "parasitas" pagos para realizar pesquisas que em poucos casos beneficiam a humanidade (1978, p. 177). Se a propósito de outros tópicos Feyerabend generaliza levemente, exagera ou distorce os fatos, neste caso creio que se refere a uma situação real, bastando que lembremos a compulsão com que se buscam justificações para projetos que, a rigor, respondem à curiosidade do pesquisador, quando não ao desejo de aproveitar verbas. A acusação deveria servir-nos, obviamente, para levar uma vida profissional mais responsável.

IV. A crítica de Feyerabend à tradição racionalista inclui um questionamento da natureza e a utilidade da Filosofia da Ciência. Na sua opinião, depois de haver sido um pensamento crítico que ajudou a ciência moderna a avançar, a Filosofia da Ciência foi convertida, pelo Empirismo Lógico primeiro e pelo Racionalismo Crítico depois, numa disciplina "espúria", ocupada com problemas de sua própria invenção e afastada da Ciência que ao mesmo tempo invoca. Precisamos, argumenta Feyerabend, de uma Filosofia da Ciência "que não se limite a fazer comentários desde fora, senão que participe no processo mesmo da ciência", que "dê aos homens o poder e a motivação para fazer uma ciência mais culta, em vez de uma ciência superficaz, superverdadeira, por um lado, porém tão bárbara, por outro, que degrada o homem" (1985, p. 27).

Certamente que aqui, mais do que em outros casos, deveríamos estar em condições de perceber até que ponto a diatribe de Feyerabend é justa ou merecida, particularmente quando insiste em que a atual Filosofia da Ciência "não tem em seu crédito qualquer descoberta" (1975, p. 455). Encontraríamos argumentos e exemplos que o contradissem? Poderíamos provar que a atual Filosofia da Ciência influencia a prática científica ou é, de algum modo, levada em consideração pelos cientistas? Nos atreveríamos a rejeitar a sugestão de Feyerabend de que a Filosofia da Ciência abandone seu academicismo e se converta numa familiarização crítica, à maneira dos estudos antropológicos, com os procedimentos de que surge a ciência real? "Neque ridere neque indignari..."

V. Se as idéias de Feyerabend são polêmicas, mais (propositalmente) polêmico é o seu estilo como escritor. Embora obviamente capaz de produzir textos academicamente convencionais, parece sentir-se mais à vontade nas peças em que combina argumentações e sarcasmos, exemplos sobriamente introduzidos e comparações insolitas, citações de filósofos e lembranças de místicos. Feyerabend justifica a heterodoxia do seu estilo declarando que acha o estilo acadêmico "excessivamente seco e também excessivamente desonesto" (1978, p. 152), porque constitui, por trás da fachada de educada argumentação, uma "civilizada estrangulação do rival"

(ib.) Já quanto aos variados recursos literários de que se serve, responderiam à sua intenção de alcançar os diversos tipos de interlocutores possíveis. Todos esses recursos estão todavia marcados pelo sinal da radicalidade, porque as "posições extremas são de extremo valor" para quebrar os hábitos conformistas do leitor. Através do estilo pintoresco, transparece continuamente um pensador capaz de rigor e sutileza, e um debatedor temível. Também, um autor capaz de declarar mudanças de convicções em maior medida que o comum. Diga-se de passagem que parece justificada sua queixa (1978, p. 148) dos críticos que, sobressaltados pelo seu estilo, não prestam devida atenção aos seus argumentos: quando se relê alguma afirmação particularmente ousada com mais atenção, a ousadia parece diminuir e até desaparecer. É claro que pode ver-se aqui a marca do sofista (suspeita essa que, naturalmente, não incomodaria Feyerabend), mas também pode tratar-se de uma autêntica abertura a novos horizontes intelectuais.

Isso me leva a uma outra observação sobre o estilo de Feyerabend, qual seja a do seu valor para fazer-nos refletir acerca do efeito da maneira acadêmica de pensar e escrever sobre as questões filosóficas, o risco de que o tratamento acadêmico dos problemas e as idéias, com suas exigências e seus rituais, transforme a flor viva das questões filosóficas reais em mortas peças de herbário. Naturalmente que Feyerabend não seria o primeiro a suscitar essa dúvida (seu elogio de Platão e a influência que reconhece de Kierkegaard vão nessa direção, podendo acrescentar-se uma vinculação com Nietzsche menos enfatizada pelo nosso autor), mas seus escritos seriam uma oportuna lembrança de que aquele perigo (a "seriedade" contra a seriedade) nunca desaparece.

Faz parte do questionamento de Feyerabend aos perigos do academicismo a importância que atribui ao cuidado do mestre em proteger o discípulo da excessiva influência das idéias que lhe ensina (uma proteção para a qual o humor seria particularmente útil) (1979, p. 91). Não é imprescindível compartilhar sua visão dos intelectuais como seres "famintos de poder" que querem reinar sobre as mentes alheias impondo-lhes suas "insípidas fantasias", para admitir que o fascínio da força de convicção do mestre, que pode contribuir para abrir o espírito do aluno, pode também capturá-lo, e que talvez não esteja nunca demais rezear de nossas próprias convicções, quando demasiado firmes.

O ponto anterior me conduz à narração por Feyerabend do episódio que mais teria pesado para transformá-lo, de "membro um tanto exótico de uma tradição pseudocientífica", em "animador" de discípulos e leitores (1978, p. 142). Refiro-me à oportunidade em que, tendo que lecionar para grupos culturais (mexicanos, negros, índios) que representavam tradições culturais vencidas pelo racionalismo, começou a perguntar-se pelo direito que ele tinha de convencer os estudantes da validade das idéias cunhadas pela tradição ocidental, sem qualquer interesse pelas idéias daquelas culturas (nem pelas necessidades reais dos seus ouvintes). Novamente, importa menos aqui o caminho que a partir de então Feyerabend tomou, que o convite a pensar no que fazemos em nome da ilustração dos nossos alunos.

VI. Em resumo, parece-me que o principal proveito da leitura de Feyerabend reside em permitir-nos ver (ou melhor, convidar-nos a ver) em perspectiva o racionalismo, o cientificismo e o academicismo, um exercício cujo valor depende todavia das circunstâncias. E creio salutar para espíritos fortemente intelectualistas, para cientistas seguros da importância da Ciência, para Filósofos da Ciência convencionais e para professores seduzidos pela solenidade (um perigo que nos ameaça até nas nossas brincadeiras). Considero, pelo contrário, que a leitura de Feyerabend por pessoas com pouco conhecimento científico e/ou animadversão para com a Ciência pode incentivar fantasias, posições ideológicas e credulidade a respeito de tudo aquilo que nosso autor procura defender (como os mitos e os costumes exóticos).

Unindo esta última reflexão à anterior sobre os escrúpulos do professor, parece-me particularmente necessário que reflitamos antes de "ensinar" Feyerabend. Platão (por que não?) chama em algum lugar os sofistas algo assim como vendedores ambulantes de guloseimas para as almas. Seria bom que a estudada frivolidade de Feyerabend nos estimulasse a evitar a frivolidade no estudo e no ensino.

NOTAS

(1) Folha de São Paulo, 06-11-88, p. C-7.

BIBLIOGRAFIA

- BUNGE, Mario. (1985) *Seudociencia e Ideología*. Madrid: Alianza.
- _____. (1987) *Vistas y Entrevistas*. Buenos Aires: Siglo Veinte.
- FEYERABEND, Paul (1975) *Against Method*. Trad. port. Contra o Método. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- _____. (1979) "Dialogue on Method", in: G. Radnitsky and G. Andersson (eds.) *The Structure and Development of Science*. Boston, D. Reidel, p. 63-131.
- _____. (1978) *Science in a free society*. Trad. cast. La Ciencia en una sociedad libre. Madrid: Siglo Veintiuno, 1982.
- _____. (1985) *Por que não Platón?* Trad. cast. de vários artigos. Madrid: Tecnos.

OBS.: A presente comunicação corresponde ao projeto de pesquisa "A questão do 'Positivismo' epistemológico", atualmente em execução. Gostaria de agradecer ao CNPq pelo auxílio à pesquisa.